

# *A integridade da Epístola aos Romanos Canônica*

Jefté Alves de Assis

## **INTRODUÇÃO**

A crítica da forma é filha do Iluminismo, desta feita a mesma procura entender o meio histórico o qual os documentos sagrados foram produzidos. Não tenho dúvidas que esse intuito é louvável e saudável, desde que tenha o propósito correto. Infelizmente, isso não corresponde aos fatos no meio da teologia liberal. Em meio aos seus negativos pressupostos e um anti-sobrenaturalismo, defendem a falibilidade do Santo Texto<sup>1</sup>.

Esse entendimento ganhou e ganha adeptos em todo planeta, visto que o ceticismo ganha largo espaço na presente sociedade. É notável que a crise de autoridade vivida pela civilização ocidental não está resumida ao humano, mas chegou-se até a Deus. A perspectiva da infalibilidade bíblica tem sido trocada por questionamentos quanto a sua confiabilidade histórica, baseando-se no delineamento de ensinamentos e pressuposições humanas, por sua vez passivas de falibilidade.

A “ciência” desenvolvida pelos críticos da forma tem compreendido mal certos fatores na Escritura. Em primeiro lugar, o fato de que, na inspiração, Deus não obliterou a personalidade, estilo, perspectiva e condicionamento cultural do escritor não significa que seu controle sobre os mesmos fosse imperfeito ou passivo. Em segundo lugar, a inspiração não é uma qualidade ligada às alterações que foram introduzidas ao longo da história da transmissão do texto escrito, visto que seus copistas não foram inspirados. A inspiração está vinculada apenas ao autógrafo. Em último lugar, a Bíblia é uma obra literária. Não obstante, essa não deve ser posta lado a lado com outras obras

---

<sup>1</sup> Veja uma boa avaliação do método crítico-histórico em **Josh McDowell**, *Evidência que exige um veredito* (São Paulo: Candeia, 1993) 417.

literárias, por mais relevantes que elas sejam. A Bíblia é o que é devido a seu Autor: Deus. Portanto, todo e qualquer método de avaliação bíblica desenvolvida por homens, que por sua vez são imprecisos, deve ser baseado que o Autor bíblico é perfeito.

Os esforços dos liberais têm se mostrados nulos diante da perfeição da Escritura. O que conseguiram apenas foi dar uma alta visão humanista da Bíblia às suas igrejas, afastando o fator divino, e, conseqüentemente, esvaziar os bancos da mesma. O resultado é sentido atualmente ao observar as igrejas que adotaram tal método, principalmente na Europa.

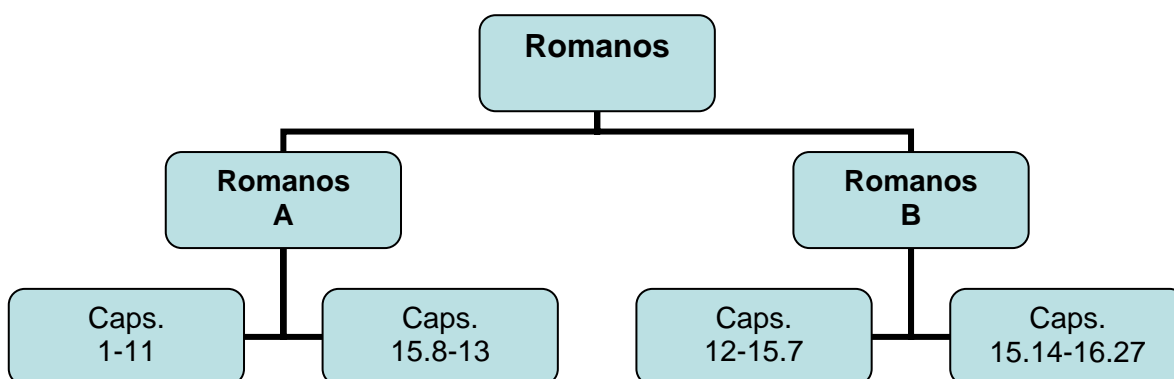
## O DEBATE ENTRE ORTODOXIA E LIBERALISMO

### Elucidação ao assunto:

Os liberais têm postulado inúmeras hipóteses de como a Epístola aos Romanos chegou a sua presente forma. Buscando erros no perfeito, a crítica da forma, em seu ceticismo, levanta algumas questões deveras importantes para aqueles que defendem a autenticidade em sua autoria, bem como em a sua ordem de composição. Seus argumentos se restringem a “evidências” internas, carecendo de evidências externas.

Geralmente, a crítica da forma irá dividir a Epístola aos Romanos em *Romanos A* e *Romanos B*. No entanto, os liberais não têm uma posição e definição una. Observe um exemplo:

### *Romanos na perspectiva de Schimithals*



### **A questão da composição:**

- *Proposta liberal:*

Os críticos da forma defendem que a referida carta foi, na realidade, composta por duas originais distintas. Não obstante, também levantam a hipótese de um redator ter inserido várias interpolações e inserções no texto original escrito pelo apóstolo Paulo. Desta forma, alegam que a existência de uma inconsistência na unidade da epístola aos Romanos, as quais só podem ser explicadas à luz das hipóteses acima citadas. As questões de autoria e data são tratadas aqui.

Alguns (os mais moderados), como Albertz, defendem que todos os dezesseis capítulos foram de autoria paulina, mas que a mesma foi o resultado de duas cartas escritas pelo apóstolo. A primeira, que compreende os caps. 1-14, a qual teria um corpo menor e, conseqüentemente, promoveria a maior facilidade de propagação da carta entre outras igrejas<sup>2</sup>. Já a segunda, que compreende o restante dos capítulos do texto canônico, é destinada a igreja de Roma - talvez uma carta de recomendação para Febe<sup>3</sup>.

- *Apologia ao texto:*

(1) Se o apóstolo assim procedesse, ele teria destruído abruptamente o assunto concernente aos “fortes e os fracos”, iniciados no cap. 14, alastrando-se até o 15.14. Desta forma, a carta menor, contendo os caps. 1-14, não teria uma conclusão lógica de pensamento, a qual só poderia ser sanada com a segunda carta (caps. 15-16). No entanto, de acordo com a proposta liberal, esta carta menor era destinada a outras igrejas que não a de Roma. Conseqüentemente, somos levados a afirmar que Paulo não teria motivos para fazer duas

---

<sup>2</sup> **William Hendriksen**, *Comentário do Novo Testamento: Romanos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2001) 688.

<sup>3</sup> **D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris**, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1997), 277.

edições, uma menor e outra maior, visto que uma não faria sentido sem a outra.

(2) O conteúdo da carta que Clemente, bispo de Roma, escreveu a igreja de Corinto (c. 96) demonstra estar intimamente ligada a Epístola aos Romanos, o qual, em nenhum momento, questiona a autoria paulina. A linguagem utilizada em Romanos é repetidamente apresentada na carta de Clemente. Portanto, informações muito próximas ao apóstolo, tanto geograficamente como temporalmente, nos mostram um indício de unidade em Romanos.

(3) Quanto à questão de Febe, podemos crer que uma nota de recomendação, tal como era, serviria de credencial para a mesma. Isto, sem dúvida alguma, era muito importante (leia 2Co 3.1), visto que Febe procedia de uma outra localidade.

(4) Quanto à data, não há muito a ser tratado, visto que a grande maioria dos críticos da forma não levantam questões ao assunto. Esses alegam que Romanos B foi escrito imediatamente depois de Romanos A, sendo a compilação de ambos a atual Epístola aos Romanos (c. 57 a.D.). Portanto, a questão repousa sobre a autoria, a qual tentaremos neste trabalho.

### **A questão do ‘voto final’ em 15.33:**

#### *o Proposta liberal:*

Há um voto final explícito contido em 15.33. Podemos deduzir pelo menos três coisas: Rm 15.33 é na realidade o desfecho original da carta de Paulo aos Romanos e não Rm 16.24-27. Sendo que, a expressão “amém” é conclusiva.

#### *Apologia ao texto:*

Mais uma vez o erro recai sobre a interprete e não sobre o texto que é interpretado. Atentemos para os seguintes fatos:

(1) O suposto “voto final” (15.33), proposto pelos liberais, não corresponde aos fatos. Visto que há outro exemplo de um desejo expresso dentro do corpo de uma epístola paulina (Fl 4.9), faltando ainda vários versículos até o final da carta.

(2) Paulo nunca concluiu nenhuma das suas cartas, por nós conhecidas, com a frase: “e o Deus da paz seja convosco”. Na realidade, uma das características mais notáveis na exegese do *corpus Paulinum* é a unidade do uso da expressão: “a graça seja com todos”, “a graça do Senhor Jesus seja convosco”... o que na realidade não ocorre em 15.33. Embora, as expressões “a paz de Deus”, “o Deus da paz” sejam comuns nas epístolas paulinas, elas sempre estão comportadas antes da expressão “a graça...”.

(3) É necessário fazer uso do contexto literário e não, simplesmente, pegar um versículo isolado para assim formular uma teoria que, na sua vã pretensão, se destine a comprometer o texto canônico. Hendriksen faz um excelente comentário sobre a referida passagem:

Paulo esteve falando sobre a congregação de Roma, os judaizantes de Jerusalém, as pessoas da Macedônia e Acaia, seus próprios planos de viagem, etc. Tudo isso estava sujeito à mudança. Contingência é a regra universal. Estabilidade não se encontra em parte alguma... a não ser em Deus! Eis por que a presente passagem se ajusta notavelmente a esse contexto; sim, especialmente aqui, onde o apóstolo tem justamente revelado sua incerteza com referência ao que podia ou não acontecer-lhe em Jerusalém. Além disso, na linha imediatamente precedente, ele fez menção da vontade de Deus. Assim também, por essa razão, uma referência aqui a ‘o Deus da paz’ é muito apropriada<sup>4</sup>.

(4) Quanto à expressão “amém”, a proposta liberal dá uma meia-verdade. A expressão “amém” não só é utilizada para concluir uma carta. Na realidade, apenas as epístolas aos Romanos e aos Gálatas possuem esta expressão para concluir o corpo da carta. No entanto, “amém” é muito mais utilizado por Paulo para concluir um pensamento, um raciocínio ou um desejo (1.25; 11.36; Gl 1.5; Ef 3.21; 1Tm 1.12;

---

<sup>4</sup> William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: Romanos*, 655.

2Tm 4.18). “Amém” é utilizado aqui para concluir o anelo do apóstolo em forma de oração.

### **A questão do destino de uma possível segunda carta:**

#### o *Proposta liberal:*

Deve-se lembrar que, “as primícias da Ásia” (16.5) deveriam estar em Éfeso, e não em Roma, como Priscila e Áquila com seus familiares, que foram obrigados a deixar Roma (At 18.2) e que se estabeleceram primeiramente em Corinto e depois em Éfeso (At 18.18-26; 1Co 16.19)<sup>5</sup>.

D. Shulz foi, provavelmente, o primeiro a cogitar Rm 16.1-23 como um fragmento de uma carta a igreja em Éfeso. As saudações contidas nos vs. 3-16 do cap. 16 demonstram proximidade ou, pelo menos, familiaridade entre o autor e uma surpreendente quantidade de pessoas. Na realidade, em nenhuma epístola Paulo cumprimenta um número tão grande de pessoas. Tal fato é por demais impressionante, visto a carta ser endereçada a uma comunidade em que ele não conhece.

Conta-se a isso o fato de que alguns manuscritos não contêm o destino da carta: evn ~Rw,mh| (1.7); toi/j evn ~Rw,mh| (1.15).

#### o *Apologia ao texto:*

Notemos algumas coisas de grande importância, as quais podem passar “desapercebidas”, caso não estejamos firmados na historicidade do texto:

(1) Aqueles que haviam adotado a fé cristã na Ásia, como Epeneto, poderiam se deslocar ou até se mudar com facilidade para qualquer lugar, visto que a paz promovida pelo império romano os

---

<sup>5</sup> **Werner Georg Kümmel**, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Edições Paulinas, 1982), 413.

permitia tal coisa<sup>6</sup>. Junta-se a isso as demandas por necessidades, o comércio sempre evoluindo e a atração de uma grande metrópole tornavam Roma um atrativo para qualquer um. Entre esses, que se sentiam atraídos, claramente poderia haver cristãos<sup>7</sup>.

(2) A alusão feita a Epeneto, como personagem histórico do cristianismo da região asiática, constitui um papel de teor informativo para os romanos. Pois, caso a carta fosse dirigida aos efésios, Paulo teria motivos suficientes para omitir tal informação, visto esperar-se que um personagem de importância histórica como Epeneto fosse reconhecido pelos que o circundam.

(3) O imperador romano Cláudio havia escrito um edito contra os judeus. Depois da sua morte (c. 54) e, conseqüentemente, com a queda do édito, nada mais normal que Priscila e Áquila houvessem voltado para Roma.

(4) Paulo tem bons motivos para buscar a dilatação de seus vínculos pessoais com uma comunidade que ele não conhece. Observe Cl 4.16.

(5) Literalmente seria impossível a perícopa (16.1-23) analisada ser uma carta independente. Nenhuma pessoa em sã razão escreveria uma epístola que constasse em maior parte de saudações! Paulo não poderia ter escrito uma epístola tão destituída de conteúdo para uma comunidade que ele conhecera durante vários anos em Éfeso<sup>8</sup>.

(6) Onde está o prólogo no cap. 16, o qual é praxe em todos escritos epistolares de Paulo?

(7) Quanto ao destinatário em 1.7 e 1.15, os manuscritos que o omitem são raríssimos. Na realidade, o único manuscrito catalogado que contem as omissões acima citadas é o *G*. Esse manuscrito é muito tardio (sec. IX ou X). De forma que seria, no mínimo, um absurdo trocar toda a tradição manuscritológica por um único manuscrito, que por sua vez é tardio.

---

<sup>6</sup> As circunstâncias que marcaram este período os historiadores denominam de *Pax Romana*.

<sup>7</sup> Veja a introdução de **John Murray**, *Romanos* (São Paulo: Fiel, 2003), 16.

<sup>8</sup> Veja outras propostas em **Kümmel**, 414.

(8) Mesmo assim, nenhum outro topônimo poderia substituir “Roma” em 1.7 e 1.15, porquanto o contexto da carta, contido em 1.8-15, refere-se a Roma. O contexto necessita de uma referência particular a uma igreja destaca, não fundada pelo autor, nem visitada outrora por ele. Caso a epístola em questão não fosse destinada a Roma, as referências locais do vs. 8-15 tornariam-se incompreensíveis. Notemos o que F. F. Bruce diz:

Ainda que o termo ‘Roma’ fosse apagado em 1.7,15, sem ser substituído pelo nome de nenhuma outra cidade, isso tornarias as referências locais dos versículos 8-15 (e de 15.22-32) incompreensíveis ou, quanto muito, exigiriam elucidação mediante hábil inferência<sup>9</sup>.

### A questão da doxologia:

Existem várias correntes dentro do liberalismo ao tratar da carta aos Romanos. Cada uma dessas tem defendido sua própria perspectiva de encarar o texto de Romanos. No entanto, todos têm baseado seus argumentos em um ponto comum: a doxologia (Rm 16.25-27). O término da carta aos Romanos apresenta importantes dificuldades crítico-textuais<sup>10</sup>:

<b>Referências manuscritológicas de Rm 16.25-27</b>	
<b>Seqüência</b>	<b>Manuscritos</b>
1.1-14.23»15.1-16.23»16.25-27	p <sup>61</sup> , B, C, D, 81, 365, 1739
1.1-14.23»16.25-27»15.1-16.23»16.25-27	A, P, 5, 33, 104
1.1-14.23»16.25-27»15.1-16.24	Ψ, 0209, texto majoritário, sy <sup>h</sup>
1.1-14.23»15.1-16.24	F, G, 629
1.1-15.33»16.25-27»16.1-23	p <sup>46</sup>
1.1-14.23»16.25-27»15.1-33»16.25-27(repetido)	1506

<sup>9</sup> F. F. Bruce, *Romanos: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1979), 28.

<sup>10</sup> Confira no aparato crítico da XXVII edição de Nestle-Aland (NA<sup>27</sup>).



o *Proposta liberal:*

Esta perícopé é encontrada, em alguns, manuscritos não no termino de Romanos canônico, como temos em nossas Bíblias. Dentre esses, alguns comportam a referida passagem em lugares diferes. Já outros omitem tal passagem. Há uma discordância entre os manuscritos.

As implicações disto são muitas. Visto que é óbvio para qualquer gênero literário que uma doxologia esteja no final do seu corpo, é de se pressupor pelo menos uma implicação imediata: caso a doxologia esteja em lugares diferentes, a carta original terminou em algum local (provavelmente no último verso do cap. 15), sendo a sua continuação uma outra correspondência, que por sua vez é independente da primeira.

p<sup>46</sup> (Papiro Chester Beatty II) é datado no II século, sendo que sua credibilidade está fortemente baseada nas epístolas paulinas. As folhas deste manuscrito são quase perfeitas<sup>11</sup>. Diante de tão antigo e importante manuscrito, este sendo acompanhado de muitos outros manuscritos que diferem entre si, o que dizer?

o *Apologia ao texto:*

Sem dúvida alguma, o fator manuscritológico tem um peso de proporções altíssimas. No entanto, as fontes padecem, muitas vezes, devido a uma má interpretação. Devemos nos atentar para os seguintes pontos:

(1) O fator antigüidade não anula a possibilidade de erro do escriba;

(2) p<sup>46</sup> não contém todo o *corpus Paulinum*. Tal manuscrito contém dez epístolas de Paulo, faltando-lhe as duas cartas a Timóteo e

---

<sup>11</sup> **Wilson Paroschi**, *Crítica Textual do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1993), 45.

a Tito<sup>12</sup>. Já o Cânon Muratori<sup>13</sup> contém a mesma lista de livros paulinos que hoje conhecemos.

(3) Devemos olhar a conjuntura histórica em que o manuscrito foi escrito. Anos antes da composição de p<sup>46</sup>, Marcião (c. 160) foi expulso da comunidade cristã, sendo tachado de herege. Esteve intimamente ligado com o gnosticismo. Este produziu uma edição dos escritos de Lucas e Paulo, escoimando-a de tudo que representasse uma ligação ao judaísmo<sup>14</sup>.

No seu intento, Marcião escreveu *Apostolikon*. Nesta obra, Marcião destituiu os caps. 15 e 16 de Romanos. Sendo que sua o texto, após as modificações, terminava em 14.23. Orígenes, em seu comentário na epístola aqui tratada, cita esta obra<sup>15</sup>. Eis o texto:

Marcião que corrompeu as Escrituras – tanto os Evangelhos quanto as epístolas -, retirou por completo este trecho (16.25) da epístola em questão; e não fez somente isto, mas ainda, depois do lugar onde estava escrito: ‘o que não vem da fé é pecado’ (14.23), ele eliminou tudo o que havia até o fim<sup>16</sup>.

O texto da Epístola aos Romanos de Marcião, comprometeu muito manuscritos produzidos pela Igreja Ocidental. Excetuados os capítulos 15 e 16, vários manuscritos tinham a doxologia logo após o último versículo do capítulo 14.

Diante disto, o que poderíamos esperar? Ora, na época em questão os manuscritos eram raros, de forma que o texto modificado por Orígenes logo enganou cristãos desavisados que tiraram cópias para si de tais manuscritos. F. F. Bruce diz que “a influência do cânon de Marcião foi tanta – chegando a ultrapassar os limites de seus seguidores – que muitos manuscritos ‘ortodoxos’ das epístolas paulinas contêm os prefácios marcionitas”<sup>17</sup>.

<sup>12</sup> As mesmas epístolas que foram excluídas no *Apostolikon* de Marcião, anos antes da composição de p<sup>46</sup>.

<sup>13</sup> Lista de livros do Novo Testamento reconhecidos em Roma no final do II século.

<sup>14</sup> **B. P. Bittencourt**, *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual* (Rio de Janeiro: JUERP, 1993), 102.

<sup>15</sup> Nenhum dos escritos de Marcião chegaram até nós. O que possuímos são apenas citações de pais da igreja ao referir às suas obras.

<sup>16</sup> **Orígenes**, *Commentaria in epistolam ad Romanos* (VII, 453 Lomatzsch).

<sup>17</sup> **F. F. Bruce**, *Romanos: Introdução e Comentário*, 21.

(4) Observemos, mais uma vez, uma colocação de F. F.

Bruce:

Na tradição textual bizantina, a doxologia de 16.25-27 vem depois de 14.23 e antes de 15.1. Orígenes conhecia manuscritos que colocavam a doxologia nessa posição, mas também conhecia outros que a colocavam depois de 16.24, e acreditava (não forçadamente) que este último era o lugar próprio para ela. Entretanto, aqueles manuscritos que colocam a doxologia entre os capítulos 14 e 15 são prováveis testemunhas de uma edição da epístola que terminava em 14.23, seguido da doxologia.<sup>18</sup>

Desta forma, podemos notar que o problema em questão também é de famílias manuscritológicas<sup>19</sup>.

(5) O fato de haver vários manuscritos apoiando uma única variante não é estranho para a crítica textual, posto que, a partir do II século, os escribas – tanto os ortodoxos como os heterodoxos – se referem às cartas paulinas como um conjunto e não como individualmente<sup>20</sup>.

#### **A questão usual de 16.25-27:**

- *Proposta liberal:*

Grande parte dos eruditos de linha liberal afirmam que Rm 16.25-27 é um acréscimo posterior feito por algum editor para fins litúrgicos.

#### *Apologia ao texto:*

Atentemos para alguns pontos importantes a serem considerados:

De um ponto de vista lógico, para que haja algum acréscimo ao texto original, é necessário uma motivação predeterminada por parte daquele que o praticou. Desta forma surge uma inevitável interrogação: que motivo teria alguém de incluir esta passagem? Alguns, como

---

<sup>18</sup> Ibid, 27.

<sup>19</sup> Para alguns exemplos de família manuscritológicas veja **Paroschi**, 54.

<sup>20</sup> Ibid, 20.

Kümmel, Lührmann e Lietzmann acreditam ser uma conclusão litúrgica<sup>21</sup>.

Esta hipótese é por demais pretenciosa, visto que passagens de lecionário, principalmente em seu início, são caracterizadas por pequenos ajustes<sup>22</sup>. A possibilidade de manipulação posterior do texto não é válida, pois, no verso inicial usado da perícopes (v. 25) não é encontrada nenhuma variação ortográfica ou gramatical. É mister lembrar que não há registros de lecionários<sup>23</sup> na referida passagem.

### **Conclusão:**

Diante de tudo o que foi relatado, a Epístola aos Romanos canônica é, sem dúvida alguma, produzida unicamente pelo apóstolo Paulo, sendo a sua forma original a mesma conhecida por nós, e escrita em uma única edição.

---

<sup>21</sup> **Werner Georg Kümmel**, *Introdução ao Novo Testamento*, 411.

<sup>22</sup> **Paroschi**, *Crítica Textual do Novo Testamento*, 56.

<sup>23</sup> Nome dado a mss. gregos com porções das Escrituras destinadas ao serviço cultico.